



AUTONOMIA PARA ESTUDOS EM EAD – ENTRE O IDEAL E O REAL

AUTONOMY FOR STUDIES IN DISTANCE EDUCATION – BETWEEN THE IDEAL AND THEREAL

Gabriela Souza de Almeida Faria (IFTM - grabiela15.almeida@gmail.com)

Tania Mára Souza Guimarães (UNIUBE/Mundo Pós UNIS/IFTM -
taniamara@iftm.edu.br)

Resumo:

O tema deste trabalho é a autonomia necessária a alunos de cursos à distância. Tais cursos têm sido opção tanto para aqueles que se encontram sem o tempo necessário para frequentar aulas presenciais, quanto para aqueles que residem em locais de difícil acesso ou onde não há escolas apropriadas. Contudo, a evasão tem sido uma constante nesta modalidade de ensino. O grande impasse dos alunos/EaD tem sido substituir as horas diárias nos bancos das escolas pela responsabilidade de empenhar-se individualmente nos estudos. O objetivo geral desta pesquisa é exatamente um olhar atento às questões de aquisição dessa responsabilidade e consequente autonomia, visando a permanência e o sucesso de tais alunos. Pesquisa em andamento, a metodologia utilizada tem sido a busca de uma bibliografia que aponte diretrizes sobre esta questão. O referencial teórico utilizado até o momento baseia-se em Munhoz (2014) e Castro, Habuenquer e Silva (2005). Outras leituras têm sido realizadas além de observações pessoais ao longo de uma caminhada como aluno EaD tanto de um curso de graduação quanto de um curso de pós-graduação, ambos em andamento. Como resultados preliminares um quadro foi traçado onde se considera o paralelo entre a constatação do real, e aquilo que pode ser considerado ideal em termos desta necessária autonomia aos estudantes EaD. Pretende-se realizar um trabalho de campo com entrevistas logo após a finalização da devida estruturação da base teórica da pesquisa.

Palavras-chave: Educação à Distância; alunos; autonomia; ideal; real.

Abstract:

The theme of this work is the necessary autonomy to students of distance learning courses. Such courses have been option both for those who are without the necessary time to attend regular classes, and for those who live in hard to reach places or where there are no appropriate schools. However, evasion has been a constant in this mode of education. The great impasse of the distance education students has been replacing the daily hours on the benches of the schools for the responsibility to engage in individual studies. The overall objective of this research is just a close eye to the issues of acquisition of this responsibility and consequent autonomy, aiming the permanence and the success of such students. Search in progress, the methodology used has been the search for a bibliography that point guidelines on this issue. The theoretical framework used until this date is based on Munhoz (2014) and Castro, Habuenquer and Silva (2005). Other readings have been performed as well as personal observations along a walk as a distance learning student of both an undergraduate degree and a postgraduate degree, both in progress. As preliminary results a framework was drawn where it is considered the parallel between the finding of the real, and what can be considered ideal in terms of this necessary autonomy to distance education students. It is intended to perform a





field work with interviews shortly after the completion of the proper structuring of the theoretical basis of the research.

Keywords: Distance Education; students; autonomy; ideal; real.

1. Educação à distância e autonomia: introdução e breve histórico

A educação em geral tem passado por algumas transformações nas últimas décadas. Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e seu constante uso e presença na sociedade, as dificuldades de ingressar em cursos de educação superior foram reduzidas. As barreiras do tempo foram, de certa forma, vencidas, e as da distância, extremamente reduzidas. Indivíduos que outrora não podiam realizar seus estudos por questões de dificuldades de acesso devido ao seu lugar de moradia (como é o caso dos indígenas, por exemplo), tiveram essas barreiras derrubadas pelo simples fato de poderem estudar à distância. Nesses e em outros contextos semelhantes é que a Educação à Distância (EaD) entra em cena.

Conforme leituras sobre a história da EaD, realizadas em Maia e Mattar (2007) e em Faria e Lopes (2003), podem ser compreendidos momentos decisivos no que hoje se vê como uma modalidade de ensino amplamente utilizada e possuidora de legislações específicas. Conforme os autores, a história da EaD se caracteriza pelas possibilidades de visualização de sua importância no contexto da educação (PETERS, 2009 *apud* FARIA & LOPES, 2013). Segundo Maia e Mattar (2007, p. 20):

Há registros de cursos de taquigrafia a distância, oferecidos por meio de anúncios de jornais, desde a década de 1720. Entretanto, a EaD surge efetivamente em meados do século XIX, em função do desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação (como trens e correio), especialmente com o ensino por correspondência.

Conforme os autores, por volta de 1800, já se tinha referência de estudos que aconteciam mediante correspondência. Deu-se início, então, à sistematização de um novo molde de ensino. Ao longo das décadas, como acontece até os dias atuais, as tecnologias de cada época foram sendo incorporadas a tal modelo educacional. Tem-se referência do uso do rádio e da televisão como canais ou meios para o processo de ensino-aprendizagem (FARIA & LOPES, 2013, p. 36). E à medida que o tempo foi passando, as tecnologias foram inovando, bem como os recursos usados para promover a educação. Foi na década de 1990 que o computador passou a ser o recurso mais utilizado para a mediação entre conteúdo e aluno.

Contudo, essa faceta da educação só veio a ser utilizada em grande escala e a ser fortemente conhecida e nomeada há poucas décadas, com a demanda de cidadãos à procura de educação e com a instalação de novas e novíssimas tecnologias na sociedade. A EaD é vista como um facilitador da formação para os cidadãos que não dispõem de uma rotina favorável a estudos presenciais. Porém, até que ponto o aprendiz tem facilidade em estudar nos moldes da EaD, sendo que o mesmo deve dispor de tempo significativo, em seu domicílio ou local devidamente escolhido, a fim de se dedicar aos estudos? Faz-se necessário, portanto, que o indivíduo desenvolva em si mesmo a característica da





autonomia, com o objetivo de conseguir alcançar as metas de estudo, já que, na modalidade à distância, não tem opção a não ser a de estudar sozinho e ser o responsável por seu aprendizado.

A autonomia é uma faculdade comentada por pensadores da área da educação e que deve ser desenvolvida ou adquirida pelo aluno, com vistas a uma emancipação em relação à construção do seu próprio saber, mesmo em cursos presenciais. Todavia, o ideal da autonomia de um aluno EaD é consideravelmente mais complexo do que a que devem exercer os alunos de cursos presenciais, uma vez que estes contam com a presença de professores, colegas, supervisores, enfim, uma gama enorme de pessoas que os estão acompanhando e assistindo o tempo todo. A realidade dessa autonomia, no entanto, considerando as circunstâncias relativas a tempo e espaço, pode não ser propícia de forma que o aluno, no desenrolar de suas atividades estudantis, possa aprender de forma ativamente autônoma. Nesse sentido, a partir de uma pesquisa bibliográfica, um paralelo entre o ideal e o real da autonomia nos estudos EaD se encontra traçado no decorrer do presente artigo.

2. Autonomia – um compromisso pessoal

A autonomia, conforme define o *‘Minidicionário da Língua Portuguesa’*, é a “Faculdade de se governar por si mesmo; direito ou faculdade de se reger por leis próprias; emancipação; independência” (BUENO, 1996, p.85). Trazendo para o contexto da educação, a autonomia é, em termos didáticos, a habilidade ou capacidade de estudar, pesquisar, realizar tarefas e atividades, ou buscar informações sem a presença ou mediação de um responsável, no caso, um professor.

Essa habilidade tem sido um dos objetivos a serem alcançados em sala de aula, isto é, tem-se buscado formar alunos com características autônomas, ou seja, responsáveis e construtores do próprio saber, isso, tanto em cursos presenciais quanto em cursos à distância. É, inclusive, algo já mencionado e proposto em documentos importantes que regem a educação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no artigo 35 da seção IV, enumera as finalidades do Ensino Médio. Dentre elas, o desenvolvimento da autonomia faz-se presente: “III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996, p. 11).

Enquanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB nº 9394/96, traz a autonomia como algo a ser alcançado apenas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a trazem de uma forma menos genérica, contudo mais explicativa, inclusive apontando diretrizes no sentido de como alcançá-la:

O desenvolvimento de um comportamento autônomo depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais. Para a conquista da autonomia, é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo-cooperativo. O individual é potencializado pelas exigências feitas aos alunos no sentido de se responsabilizarem por suas tarefas, pela organização, pelo envolvimento com o tema de estudo. A importância do trabalho em grupo





está em valorizar a interação aluno-aluno e professor-aluno como fonte de desenvolvimento social, pessoal e intelectual (BRASIL, 2000, p.40).

Como se pode depreender do excerto acima, o aluno instigado a desenvolver sua autonomia se organiza e se responsabiliza por sua parte nos estudos, tanto individualmente, quanto coletivamente, em atividades grupais, o que facilita suas relações de interação social.

Essas coordenadas dizem respeito ao aluno do ensino médio, contudo, diante da complexidade dos estudos acadêmicos, a necessidade do desenvolvimento de autonomia por parte do discente de ensino superior é ainda maior. Se um estudante da educação básica consegue alcançar independência emocional e intelectual, poderá ter menos dificuldades quando avançar para um nível superior de ensino, sendo que na Universidade, o professor tende a não se preocupar tanto em explicar conteúdos, uma vez que sua prática é mais voltada a uma apresentação geral de temas com o intuito apenas de um despertar sobre o assunto a ser tratado, seguido de recomendações de leituras e pesquisas. E, através dessas leituras e dessas pesquisas, pretende-se que o educando chegue ao entendimento satisfatório do conteúdo que está sendo trabalhado.

Essa transição do nível de escola básica para o outro nível é explicada, em relação à autonomia, por Severino (2000). Ele afirma que o novo acadêmico deve entender que sua postura como aluno deverá ser diferente no período da faculdade, por conta das exigências, que são mais elevadas:

Em primeiro lugar, é preciso que o estudante se conscientize de que doravante o resultado do processo depende fundamentalmente dele mesmo. Seja pelo seu próprio desenvolvimento psíquico e intelectual, seja pela própria natureza do processo educacional desse nível, as condições de aprendizagem transformam-se no sentido de exigir do estudante maior autonomia na efetivação da aprendizagem, maior independência em relação aos subsídios da estrutura do ensino e dos recursos institucionais que ainda continuam sendo oferecidos. O aprofundamento da vida científica passa a exigir do estudante uma postura de auto-atividade didática que será, sem dúvida, crítica e rigorosa (SEVERINO, 2000, p.23).

Como se pode ver, um estudante de nível superior não será ensinado pelo corpo docente a ser autônomo em suas atitudes acadêmicas, mas, será cobrado como já possuindo a faculdade de governar a si mesmo em sua construção do saber. Se o indivíduo não buscar sua independência, ele poderá não obter o sucesso desejado em seu curso. Contudo, ainda assim, deverá ter a presença do professor como alguém que pode sanar suas dúvidas, alguém que pode orientá-lo em suas pesquisas, recomendar leituras e explicá-las, se for o caso. O acadêmico terá um horário determinado de estudos presenciais na instituição da qual faz parte, e lá, obrigatoriamente, entrará em contato com informação e conteúdo. Mas, e o que dizer de um aluno de ensino superior na modalidade EaD?

3. Autonomia do aluno EAD: entre o ideal e o real





A seguir, serão apresentados os contextos e atitudes que formam uma postura ideal de um acadêmico de cursos à distância, aquela postura que é esperada de um aluno EaD. Posteriormente, serão enumeradas e apresentadas individualmente as atitudes reais de alunos, ou seja, o que acontece no cotidiano de diversos alunos que se propõe à realização de um curso à distância, atitudes essas que não compreendem uma postura autônoma de estudos, e que não colaboram com o sucesso dos discentes em seus cursos.

A apresentação do ideal nesse sentido, também individualmente, dá conta de uma postura que deveria ser adotada por todos os alunos EaD. Segue-se, portanto, o ideal:

3.1. O ideal

No âmbito da EaD, o ideal é que o perfil de um aluno deva já se apresentar trabalhado e moldado de acordo com as características de um indivíduo autônomo. Não há tempo para desenvolver autonomia em cursos à distância, pois, logo no início, o estudante se depara com um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), sítio em que as atividades ao longo do curso serão realizadas, monitoradas, avaliadas; ambiente onde acontecerão também as interações aluno-aluno e aluno-professor/tutor.

O EAD tem uma característica própria que pressupõe uma grande ênfase no auto-aprendizado. O aprendiz deve ser incentivado a estudar e pesquisar de modo independente e o aprendizado colaborativo, dinamizando a comunicação e a troca de informação entre os alunos, deve ser intensificado de modo a consolidar a aprendizagem através de atividades individuais ou em grupo (CASTRO; HAGUENAUER; DA SILVA; et al, 2005, p.2).

Quer dizer que, mesmo em situação social de interação, ou seja, não inteiramente sozinho, a partir de uma abordagem construtivista, “O aprendiz passa de uma situação de receptor passivo e, numa nova postura de busca participativa e reflexiva, constrói seu conhecimento a partir do contato, da interação com os mais variados objetos e possibilidades de novos conhecimentos” (CASTRO; HAGUENAUER; DA SILVA; et al, 2005, p.3).

É, também, no AVA que as coordenadas do programa do curso, tais como datas de provas ou entrega de trabalhos, propaganda de eventos, construção de trabalhos em grupo, publicação de notas e assuntos afins, primordiais para o bom andamento dos estudos, serão fornecidas.

O aluno EaD deve já possuir capacidade para navegar na *internet*, e mais ainda, a habilidade de se adaptar a ambientes virtuais diferentes dos usuais (já que os AVA não são abertos ao público não-estudante, portanto, não são conhecidos). Além dessa gama de *auto-didatismo* virtual, o acadêmico deve se mostrar, também, capaz de construir o seu próprio saber em busca de sua formação. Ele não terá a figura presente do professor, nem a mediação e o apoio direto das figuras do tutor ou do coordenador do curso. Todo e qualquer contato será indireto, feito através de recursos tecnológicos.

O indivíduo que se dispõe a estudar na modalidade à distância, deve ser organizado e disciplinado, pois não terá horário específico para sair de casa e ir à instituição assistir aulas de maneira presencial. Ele mesmo fará o seu horário, de acordo com sua disponibilidade. A





partir daí, para que o estudante obtenha sucesso em seu curso, ele deverá desenvolver habilidades comportamentais específicas. São elas: responsabilidade, organização, compromisso, dedicação, atenção, planejamento e programação, dentre outras. Essas são algumas das características principais que o acadêmico deve ter, combinando com as do modelo de ensino do qual participa.

3.2. O real

Um número considerável de alunos, embora já tenha sido mencionado uma espécie de pré-requisito da EaD, qual seja, a capacidade de navegar na *internet*, apresenta dificuldades em se adaptar até mesmo ao simples uso de um computador. Deve-se considerar, nesse sentido, que a EaD tem sido um caminho para a conquista de um diploma de graduação e de pós-graduação, ou a conquista de outros certificados específicos, também por parte daqueles que, por não terem tido oportunidade dentro de uma faixa etária que seria considerada natural para aqueles níveis e modalidades de ensino, vieram a buscá-lo agora, em tempo oportuno. Nesse sentido, como muitos adultos não tiveram as mesmas oportunidades de convívio com as tecnologias como as crianças e jovens do século XXI, denominados *nativos digitais*, tais adultos podem apresentar certo grau de dificuldade em lidar com esses aparatos.

Especialmente para estes, a entrada no ambiente virtual de aprendizagem parece tornar-se um grande empecilho, tendo em vista a gama de passos a serem trilhados até que se venha a acessar, de forma satisfatória, as orientações de estudo, os vídeos, os textos e as sugestões de leitura.

É praticamente evidente que, a dificuldade de um jovem em manusear uma ferramenta virtual desconhecida não chega ao ponto preocupante das dificuldades enfrentadas por pessoas mais velhas.

De qualquer forma podem, os alunos EaD, adultos ou jovens, apresentar certas dificuldades no manuseio dos AVA, por conta de esses ambientes serem desconhecidos do público em geral, considerando que se constituem em ambientes virtuais não-públicos, conhecidos apenas por estudantes daqueles cursos especificamente.

Na perspectiva de análise das atividades avaliativas que ora aparecem como exercícios de múltipla escolha, ora como questionamentos que devem ser respondidos no próprio ambiente, ou ainda podem vir com orientação de postagem de arquivos com determinado formato e tamanho, os passos a serem seguidos podem confundir e levar o aluno EaD a perder-se em meio a suas tentativas.

Portanto, grande parte dos problemas que dificultam o trabalho dos alunos, ainda que não se considerem aqueles que estão ligados à autonomia em termos de um espaço específico de estudos ou de um tempo pré-determinado para tal, está, como comumente se ouve: entre a cadeira e a mesa do computador.

Ademais, além de pontos específicos sobre o computador, sobre o ambiente virtual de trabalho e sobre as postagens, consideram-se, destacando a autonomia, foco do presente artigo, as dificuldades que se tem em relação à disciplina pessoal em estabelecer horários específicos de estudo, de leituras e de pesquisas.

A constância da entrada no AVA é um ponto que caracteriza dificuldades especiais, considerando que determinadas orientações podem ser postadas a partir de uma





necessidade específica. Comunicados no *e-mail* do AVA não são lidos. Observações postadas sobre determinado trabalho ou determinado prazo que foi alterado e até mesmo prorrogado, podem não ser vistos e posteriormente vir a prejudicar o andamento do curso.

E, se já é assim para postagens que permanecem estáticas e não dependem de uma sincronia de entradas, como não será com os *chats*, os fóruns e as outras ferramentas que podem vir a ser utilizadas ao longo do curso? Certamente nesse âmbito a dificuldade tem sido consideravelmente maior.

Nesse sentido, a autonomia de busca de uma compreensão de como utilizar essas ferramentas é essencial, principalmente quando se leva em conta que há tutoriais de utilização das mesmas. Aqui está um ponto que deveria ser trabalhado desde a educação infantil em termos de produção de atitudes autônomas por parte dos estudantes: leitura de manuais, busca de orientações detalhadas sobre o funcionamento até mesmo de materiais elétricos e outras ferramentas que são úteis à existência humana ao longo da História. Quantas vezes isso não é realidade no dia-a-dia dos homens e lhes acarreta sérias dificuldades que poderiam ter sido evitadas se, tão somente, houvesse atenção a leituras essenciais.

Considerando ainda os entraves que podem ser caracterizados dentro do aspecto da falta de autonomia por parte dos alunos da EaD, especialmente dentro do espaço e do tempo, entende-se que podem ocorrer inclusive envolvendo terceiros. O ambiente de silêncio pode ser interrompido por alguém da casa, a atenção do estudante talvez seja dispersada, considerando uma pergunta que lhe dirija alguém da família, e assim por diante.

Sobre outro aspecto em relação ao espaço, Munhoz (2014, p. 106) destaca que “os benefícios trazidos pela criação de ambientes de estudos confortáveis e convidativos à aprendizagem são comprovados em diversas pesquisas.”

Muito embora o comentário de Munhoz sobre o ambiente tenha vindo parágrafos antes de suas considerações sobre a organização do tempo, o autor prossegue suas reflexões sobre essas questões, destacando inclusive a importância de que se estabeleça o tempo de estudos, antes mesmo de se pensar em onde esses horários de estudo serão cumpridos.

O autor prossegue:

No entanto, nenhuma dessas soluções tem validade se você não fizer um gerenciamento criterioso do seu tempo de estudo. É importante que você defina o melhor horário, ordene e escalone as disciplinas mais complexas para o início dos trabalhos, esquematize seu tempo em pequenos blocos de trabalho, com intervalos. Estipule algum tempo para diversão e relaxamento e, se possível, combine atividades, estudos mesclados a pesquisas, acessos a grupos, participação em redes sociais e outras atividades. Somente depois de organizado o seu tempo é que você deve se preocupar com questões do ambiente (MUNHOZ, 2014, p. 106).

Ainda em relação ao espaço reservado a estudos, no real, embora se tenha a possibilidade de conhecer o ideal, a partir de leituras realizadas, faltam iluminação e ventilação adequadas, as cores do ambiente algumas vezes interferem nas sensações que deveriam ser de conforto, pessoas adentram o ambiente e provocam ruídos e até mesmo se





dirigem ao estudante, conforme já mencionado, o que faz com que o mesmo perca completamente a concentração no que está lendo.

Quando se considera, além dos aspectos já levantados, o conforto físico, normalmente se deduz que este não consiste em um ideal que esteja aquém de outros detalhes dentro do aspecto ergonômico. Livros e outros objetos espalhados na mesa de trabalho dispersam a atenção e atrapalham o andamento dos estudos.

Dispersos assim, a facilidade do aluno em se retirar para se alimentar é outro ponto que fica bastante aquém do ideal. Tais retiradas comprometem o aspecto do tempo que deveria seguir um ritmo previamente estabelecido. A hora se perde, e o tempo de estudos já foi seriamente comprometido.

E essa é a realidade de diversos alunos de cursos EaD que veem suas perspectivas de sucesso no curso serem afetadas por um tempo mal administrado e um espaço que não tem nada de silencioso, e que, pelo contrário, oferece inúmeras distrações.

Em tudo isso, compromete-se a atenção não só em termos de leituras e estudos que precisam ser apreendidos, mas também acabam por interferir na atenção necessária a prazos de postagem e a formatos de exercícios a serem realizados.

Como se percebe, a conquista das metas de estudos em EaD é, em um grau consideravelmente elevado, diretamente proporcional à autonomia do aluno em se organizar para o sucesso e permanecer firme em seus propósitos, uma vez que, conforme Munhoz (2014, p. 108), ele mesmo “é o centro do processo de ensino e aprendizagem.”

3.3. O ideal e o real: um paralelo

A partir das considerações destacadas em relação ao ideal e ao real, considera-se o paralelo entre ambas, no quadro abaixo, que foi construído após as leituras realizadas e também a partir de uma comparação da postura pessoal das autoras em cursos nesta modalidade, considerando o ideal descrito nas referências lidas e o real que, infelizmente, já se vivenciou na prática.

Quadro 1. Postura autônoma por parte do Aluno EaD – entre o Ideal e o Real

O Ideal	O Real
Compromisso consigo mesmo e com professores e tutores do curso, ainda que distantes;	Parentes, amigos, festas e outros eventos tiram o aluno EaD de seu foco;
Ambiente devidamente iluminado;	Falta de clareza ou excesso dela, sobretudo recaindo sobre a tela do computador de trabalho;
Ambiente silencioso;	Ambiente ruidoso e propenso a distrações;
Ambiente com clima agradavelmente adequado;	Ambiente frio em tempos de frio e/ou ambientes quentes em época de calor;
Ambiente limpo e organizado;	Ambiente com excesso de móveis e de objetos que podem gerar estresse humano;
Alimentação adequada;	Falta de alimentação adequada, fome, excesso de alimentação;
Postura confortável e adequada;	Acento inadequado, estudos realizados até





	mesmo em camas;
Horário definido para estudos;	Estudos realizados em dias e horários aleatórios;
Organização de tempo hábil para possíveis correções;	Atividades realizadas, quase sempre, de última hora;
Respeito às datas de Postagem.	Perda de prazo de postagem, o que acarreta pontuações aquém da exigida em termos de avaliação.

Fonte: Autoria própria.

Percebe-se, portanto, que uma atitude passiva diante do compromisso consigo mesmo e com o curso, podem, com certeza, desencadear uma série de outros fatores e, por fim, acarretar em prejuízos para o aluno em sua caminhada rumo à conquista da conclusão de uma etapa em sua vida.

4. Considerações finais

Após pesquisas e estudos da literatura relacionada ao tema, pode-se concluir que o contexto real da atividade autônoma e independente dos alunos EaD em seus estudos ainda não está próximo da situação ideal a que se referem documentos e manuais da postura do mesmo. Contudo, a falha entre os perfis do aprendiz, comparando o real com o ideal, não se apresenta no material didático, nem nos tutores ou coordenadores de curso, nem ainda nos documentos norteadores da modalidade, menos ainda nos ambientes virtuais. O fator que não permite a minimização das diferenças entre os perfis é justamente a postura do próprio acadêmico. Como indivíduo social, os fatores condicionantes de sua postura são mutáveis. Existem barreiras econômicas, emocionais, físicas, psicológicas, ergonômicas ou até mesmo, cognitivas e pessoais (ligadas à personalidade), que não permitem que o discente consiga alcançar o ideário de autonomia na construção de seu conhecimento e formação. A conquista do resultado pode depender de forma significativa da decisão de autonomia do cidadão como estudante em um curso de Educação à Distância. É nesse âmbito que as dificuldades nos estudos à distância são formadas, cabendo ao próprio aluno superá-las.

Nesse sentido, após levantamento bibliográfico sobre o assunto, e pretendendo uma continuidade nos olhares sobre essas questões, como se trata de uma pesquisa em andamento, a proposta de trabalho a ser seguida se resume em entrevistas semiestruturadas que serão aplicadas posteriormente tanto a alunos que se encontram em curso, quanto a alunos que, por quaisquer motivos, tenham abandonado seus estudos. Tais entrevistas serão aplicadas em dois cursos ofertados nesta modalidade por uma instituição pública de ensino do município de Uberaba-MG. Os cursos em questão são o de Letras e o de Licenciatura em Computação.

Sobretudo a Licenciatura em Computação apresentou um número considerável de alunos evadidos. Nessas evasões ou mesmo nas dificuldades apontadas por aqueles que se encontram firmes em seu propósito de concluir o curso, busca-se apontar o quanto a autonomia do próprio aluno pode definir tanto essa última postura, quanto a desistência e abandono. Os contatos dos alunos serão buscados com a direção do curso e os questionários





serão aplicados em parceria com a instituição, dentro do programa denominado: Programa de Acesso, Permanência e Êxito (PPAPE).

Pretende-se levantar essas questões de autonomia entendendo evidentemente que elas não se apresentam como reposta a todas as questões que necessitam estudos em EaD. Cabem futuras pesquisas quanto ao papel ou ainda quanto às possibilidades que estão ao alcance dos professores dos cursos à distância, no sentido de eles próprios despertarem ou provocarem em seus alunos a necessária autonomia. Por enquanto, o foco das análises é apenas o aluno e a sua capacidade de gerir seu caminho acadêmico e o quanto isso tem determinado seu sucesso ou mesmo o abandono de seus ideais.

5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei n. 9394, de 20** dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, 23 nov. 1996. Seção 1, p. 27833. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 04 jun. 2016.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. ed. rev. e atual. São Paulo: FTD, 1996.

CASTRO, J. Nival de; HAGUENAUER, Cristina; DA SILVA, Evandro Mendes; et al. **O Estudo a Distância com Apoio da Internet**. 2005. Disponível em: <<http://www.coep.ufrj.br/~telma/docs/MEDg3abed.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2016.

FARIA, Adriano & LOPES, Luis Fernando. **O que e o quem da EaD: história e fundamentos** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2013. (Série Fundamentos da Educação). Disponível em: <<https://uniube.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582127228/pages/5>> Acesso em: 02 jun. 2016.

MAIA, Carmem; & MATTAR, João. **ABC da EaD**. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. Disponível em: <<https://uniube.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788576051572/pages/23>> Acesso em: 02 jun. 2016.

MUNHOZ, AntonioSiemens. **Como ser um aluno eficaz** [livro eletrônico]. Curitiba: Inter Saberes, 2014. (Série Tecnologias Educacionais). 2 Mb; PDF. Disponível em: <<https://uniube.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788544300213/pages/5>> Acesso em: 04 jun. 2016.

MURRIE, Zuleika Felice (Coord.). **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio): Parte II Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

